

ANDERSON DIAS DA SILVA

“A VIDA QUE AGORA VIVO NO CORPO”
O CORPO EM PERSPECTIVA CULTURAL, BÍBLICA
E PENTECOSTAL

Londrina
2013

ANDERSON DIAS DA SILVA

“A VIDA QUE AGORA VIVO NO CORPO”
O CORPO EM PERSPECTIVA CULTURAL, BÍBLICA
E PENTECOSTAL

Monografia apresentada em
cumprimento às exigências do curso
de bacharelado em Teologia da
Faculdade Teológica Sul Americana.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Henrique
Barro.

Londrina
2013

A minha mãe Sueli Dias da Silva, (In Memoriam) mulher simples, fazedora da missão integral, que me “ensinou o caminho que devia andar”.

AGRADECIMENTOS

A Deus por seu amor, graça e misericórdia a mim concedidos.

A minha esposa Giselle, pela compreensão, carinho e amor imensuráveis.

Aos meus filhos Vitoria e o pequeno Pedro, por compreenderem minha ausência durante esse período de estudos.

A todo o corpo docente da Faculdade Teológica Sul Americana, por sua excelência no ensino e pelas aulas que jamais me esquecerei.

Ao amigo Flavio Galhardi, pelo incentivo e companheirismo.

Ao meu orientador, Dr. Jorge Henrique Barro, por sua paciência, disponibilidade e por compreender minhas limitações.

SILVA, Anderson Dias da. “**A Vida que agora vivo no Corpo**”. O corpo em perspectiva cultural, bíblica e pentecostal. 2013. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) – Faculdade Teológica Sul Americana. Londrina. 2013.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é abordar o dualismo corpo/alma na teologia pentecostal brasileira representado por sua maior expressão, a Igreja Assembleia de Deus. Procurando valorizar a integralidade humana, o presente trabalho considera os aspectos cultural, Bíblico e pentecostal. Assim pontua-se a ênfase no testemunho bíblico a respeito da constituição do ser humano, percorrendo os ambientes do Antigo e Novo Testamento. Observa-se ainda, a visão de Jesus com relação ao ser humano, destacando seu relacionamento com os pobres, doentes e religiosos, pois a salvação em Cristo clama pela integralidade dos seres humanos, já que ela é uma afirmação da nossa humanidade, incluindo nosso corpo físico. E por fim, propõem-se caminhos que se espera serem uteis para possibilidade de superação do modelo antropológico dualista.

Palavras-chave: Dualismo. Corpo. Pentecostal. Igreja Assembleia de Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O SER HUMANO EM PERPECTIVA CULTURAL	9
1.1 O Ser Humano na Cultura Hebraica	9
1.1.1 O problema da morte na cultura hebraica.	11
1.2 O Ser Humano na Cultura Greco - Romana	12
1.2.1 Origem histórica do modelo dualista	13
1.2.2 Platonismo	14
1.2.3 O Gnosticismo	15
2. O SER HUMANO NA PERSPECTIVA DE JESUS	17
2.1 Jesus e os pobres	18
2.3 Em Relação aos Religiosos	22
2.3.1. Os saduceus	22
2.3.2. Os escribas	23
2.3.3. Os fariseus.....	23
3 O SER HUMANO NA PERSPECTIVA PENTECOSTAL, COM ESPECIAL ATENÇÃO A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS.	26
3.1. O Credo das Assembleias de Deus	26
3.2 O Ser Humano na Teologia Pentecostal.....	28
3.3 O Corpo paradoxal.....	30
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A percepção da ausência de uma teologia antropológica integral do ser humano por parte do movimento pentecostal em especial a denominação da qual sou membro: a Assembleia de Deus motivou-me a pesquisar este importante tema. Assim também como a observação de que o tema da integridade do ser humano e da valorização da corporeidade raramente é abordado no meio pentecostal.

Acredito ser de grande relevância o estudo da natureza do ser humano, já que a maneira com que esse “ser” foi interpretado durante a história, resultou na diversidade teológica e Missiológica que temos hoje.

No capítulo 1 o objetivo é conhecer e entender como os hebreus enxergavam o ser humano na sua cultura a partir de uma ótica bíblica. Percebe-se que o texto bíblico veterotestamentario em nada coopera para uma visão dualista¹ do ser humano, pelo contrario, afirma sua integralidade. Ainda neste capítulo, refletiremos sobre como a cultura greco-romana concebia o ser humano, destacando as principais linhas filosóficas da época como, por exemplo, o platonismo e o gnosticismo, que afirmavam o dualismo alegando duas naturezas para a pessoa, material e espiritual, e como influenciaram grandemente a historia do cristianismo.

Já no segundo capítulo tentaremos entrar no mundo da palestina, dos tempos de Jesus, para entendermos melhor o contexto em que Jesus desenvolveu seu ministério junto aos pobres, enfermos marginalizados e religiosos. Pois, entendermos a maneira como Cristo via o ser humano e se relacionava com ele, é fundamental para a compreensão e desenvolvimento de uma pratica cristã relevante, sem fragmentos dualistas.

No capítulo 3 faremos uma análise panorâmica do movimento pentecostal. Com particular atenção a Assembleia de Deus, principal denominação pentecostal no Brasil. Veremos que o pentecostalismo se trata de um ramo do protestantismo que é conhecido por sua ênfase na dimensão espiritual do ser humano. Entre suas principais características, pode-se destacar: ênfase nos dons “espirituais”, e uma notável preocupação com a salvação da “alma” do indivíduo. O que nos sugere a problematização do tema e pode ser resumida em três questões: O que a teologia

¹ Doutrina segundo a qual a realidade e a natureza humana estão divididas em dois princípios fundamentais e antagônicos, como bem e mal, essência e existência, matéria e forma, corpo e espírito, etc.

pentecostal diz sobre a constituição do ser humano? Qual o modelo adotado? O que pode ser feito para superação desse modelo?

E por fim, faremos alguns apontamentos que entendemos ser importantes para uma suposta superação do modelo antropológico dualista.

Na produção deste trabalho foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica. Assim também como alguns fatores delimitativos para que possa ser composto dentro dos parâmetros propostos para o fim a que se destina. Considerando-se a excessiva abrangência da matéria, nossa pesquisa será restrita a análise da natureza (constituição) do ser humano numa leitura bíblica, histórica e contextual.

1 O SER HUMANO EM PERSPECTIVA CULTURAL

Sabemos que a história bíblica tem como pano de fundo pelo menos três principais culturas, que são: Hebraica e greco-romana. Assim, é de suma importância para compreensão do tema proposto a pesquisa de como essas culturas via o ser humano, pois os textos bíblicos perpassam por elas.

1.1 O Ser Humano na Cultura Hebraica

Cada cultura tem sua própria compreensão do que vem a ser o ser humano. Os hebreus se diferenciavam dos demais povos por possuírem sua base de fé nas Escrituras Sagradas, que também se diferencia dos demais escritos antigos, por atribuir a Deus a criação do homem sendo do pó da terra. Na cultura hebraica é possível compreender o ser humano apenas por alguns substantivos mais frequentes, como as palavras “coração”, “alma”, “carne” e “espírito”. Segundo Hans Walter Wolf (2007, p. 29):

Termos como coração, alma, carne e espírito, mas também ouvido e boca, mão e braço, não raramente podem ser trocados uns pelos outros na poesia hebraica. No paralelismo dos membros da frase, eles podem designar o ser humano todo, quase como se fossem pronomes (SI 84.2).

Sendo assim as diversas partes do corpo compreendem com suas funções essenciais o ser humano ao qual se mencionam.

A palavra mais comum usada para designar corpo no Antigo Testamento é *basar* que também significa carne, portanto para o hebreu o ser humano é essencialmente físico. O termo *basar* aparece como algo que o ser humano e os animais possuem, e que Deus não possui, simbolizando sempre a fragilidade e as limitações humanas em contraste com o Deus eterno. Outro termo importante é *nepes ou nêfesh*, a alma que designa a vida da pessoa. A esse respeito George Ladd (2003, p. 627) contribui com as seguintes palavras:

Deus soprou nas narinas de Adão o flego de vida e ele se tornou uma *nepes* vivente (Gn. 2:7). O corpo e o sopro divino, juntos, formam a *nepes* vital, ativa. A palavra é, portanto, estendida a partir do princípio vital, para incluir os sentimentos, as paixões, as vontades e, até

mesmo a mentalidades do individuo. Passa assim a ser usada como um sinônimo da própria pessoa. (2003, p.627)

Na cultura hebraica jamais se admite uma vida sem a *basar* (corpo) e consequentemente também não pode existir uma pessoa sem a *nepes* (alma). Um terceiro termo importante é *rûah* que significa espírito ou vento em movimento, geralmente usada para designar Deus, o seu sopro criando e sustentando a vida. O *rûah* da humanidade constitui sua respiração que por sua vez é dada por Deus, e assim superior a *nepes*. Porém, nem a *nepes* nem o *rûah* são capazes de sobreviverem a morte da *basar*, amparando assim uma visão integral do ser humano sem nenhum traço de dualismo.

Não poderíamos deixar de citar um dos conceitos mais importante do Antigo Testamento, principalmente quando aplicado aos seres humanos, que é a palavra *leb e lebab* sua tradução para o português é coração. Na atualidade geralmente considera-se que o cérebro é o centro diretor da atividade humana. Contudo, na cultura hebraica é no coração que ocorrem as decisões mais importantes na vida, “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Pv 4:23). Neste contexto, o coração é o centro do intelecto. As pessoas sabem as coisas em seus corações (Dt 8:5), oram no coração (1Sm 1:12,13), maquinam males no coração (Sl 140:2). Assim, o coração também é o centro das emoções. O Antigo Testamento nos fala também do coração alegre (Êx 4:14), do medroso (Js 5:1), do corajoso (Sl 27:14), do coração angustiado (Jr 4:19). É importante atentarmos para a explicação que Wolff faz nesse sentido:

Na grande maioria dos casos, predicam-se do coração funções intelectuais, racionais, logo exatamente aquilo que nós atribuímos à cabeça ou mais exatamente ao cérebro; cf. Sam 25,37. Aqui a palavra está diferenciada claramente de *nêfesh* e *rûash*. Veremos que assim *rûash* significa ‘força vital’ (em oposição à fragilidade da carne) do que ‘espírito’, I.[*leb e lebab*] por sua vez é reproduzido melhor com “espírito” do que com “coração”. Deve se evitar a impressão falsa de que o homem bíblico seja determinado mais pelo sentimento do que pela razão. Esta orientação antropológica errônea s origina com facilidade demasiada numa tradução indiferenciada de I. A Bíblias põe o homem perante claras alternativas que devem ser conhecidas. É sumamente característico que I. se encontre de longe com maior frequência na literatura sapiencial: só nos provérbios 99 vezes e o Eclesiastes 42 vezes; no Deuteronômio, acentuadamente doutrinal, 51 vezes (1975, p.70).

Já para Mackenzie (1985, p. 425-426), a palavra que melhor se aproxima de “corpo”, enquanto estrutura constitucional fundamental do ser humano vivo é *adam*. Em gênesis 2:7 “Deus formou o ser humano do pó da terra e soprou o folego de vida em suas narinas (no corpo) e ele tornou-se ser vivente”. Desse modo, “assim, o ser humano (em hebraico: *adam*), é uma unidade, corpo, modelado pelo próprio Deus por meio do pó do solo, argila, barro (em hebraico: *adamah*), e animado pelo sopro da vida que vem diretamente de Deus”.

Sobre esse aspecto, o autor ainda declara:

O ser “humano”, *adam*, não brota do solo espontaneamente. Javé Deus o modelou assim como o escultor modela uma estátua provisória para depois esculpi-la. A figura de barro não era ainda o ser humano. Faltava o acabamento, por isso o artista divino soprou-lhe para dentro das narinas o “hálito de vida” (em hebraico: *neshamah*). Respirar é sinal de vida, o ar que entra e sai pelas narinas é tão importante e indispensável que podia ser identificado com a própria vida ou com a alma, o “espírito” do ser homem (MACKENZIE, 1985. p. 425-426).

Desta forma, no final da vida o ser humano exala o *ruach* (grego: *pneuma*, *sopro*, *espírito*), o pó volta a terra de onde veio (Gn 3:19) e o espírito a Deus que o deu (Ecl 12:7). O sopro divino é a própria vida que Deus concede e retira quando quer. Em suma: a origem do ser corpóreo “humano” está em Deus. Enquanto criatura, pó que vive com o sopro de Deus (Gn 2:7), sua vida não lhe pertence: deve entregá-la de volta quando Deus reclamar o sopro Vital (DATTLER, 1984, p. 42).

1.1.1 O problema da morte na cultura hebraica.

É importante atentarmos para a concepção semita a respeito da morte, pois ela pode trazer luz em relação ao pensamento hebreu sobre a constituição do ser humano tanto no Antigo como no Novo Testamento. A cultura hebraica sempre concebeu o ser humano como uma unidade. O hebreu entendia que a plenitude da existência estava nesta vida e não em outra, descartando assim o dualismo grego posterior. Porém, por influências dos povos vizinhos, principalmente no período do exílio babilônico, a teologia israelita sofre grandes

mudanças e só então é possível perceber a promessa de uma vida depois da morte ou ressurreição para aqueles que forem fiéis durante a vida “terrena”, conforme Daniel 12:2-3: “A multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a rejeição eterna” (FRIES, 1983, p. 364-366).

Tudo leva a crer que a doutrina da imortalidade, foi desenvolvida em ambiente grego, sem referência à ressurreição dos corpos. Entretanto, para o pensamento hebraico, que originalmente não distinguia corpo e alma, a ideia de uma sobrevivência implicava a ressurreição dos corpos.

1.2 O Ser Humano na Cultura Greco - Romana

A maioria dos cristãos desde criança já sustenta uma forma de ver o ser humano num modelo antropológico dualista, ou seja, aprende-se nas escolas dominicais que ao morrer o “corpo” se separa da “alma” imortal e, portanto sempre viva, aguardando assim a ressurreição dos mortos. Porém, Renold J. Blank (2000, p, 76) indaga a refletir a seguinte pergunta: “Se a nossa religião diz que há vida após a morte, no entanto como é possível compreender essa verdade com a nossa razão quando estamos diante da verdade inegável de um cadáver?” Eis ai uma pergunta que a religião deveria responder. No passado ela tentou recorrendo ao modelo dualista de uma alma que, na morte, se separa do corpo. Mas como isso é possível sendo o ser humano na ótica bíblica uma unidade?

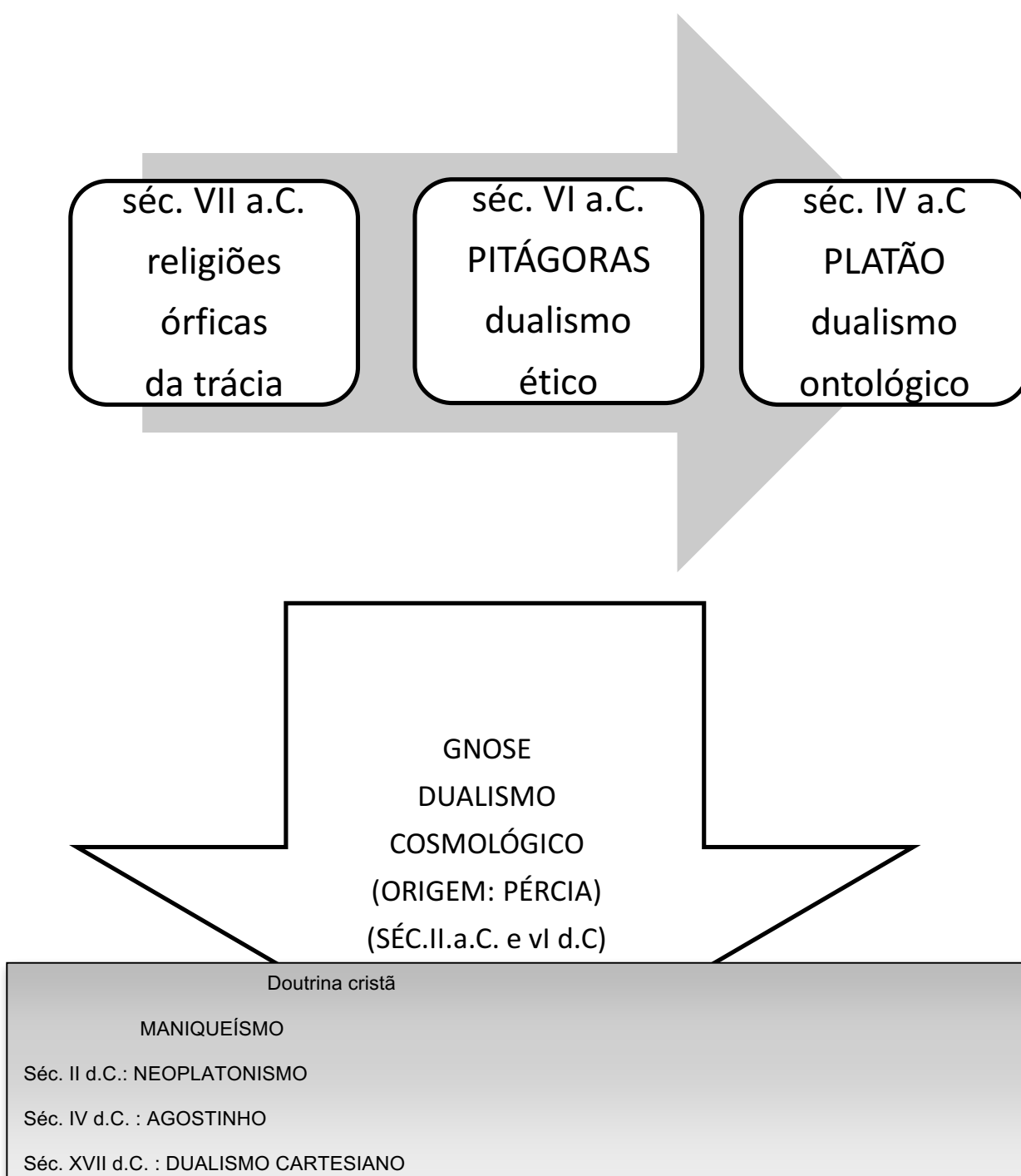
Portanto, é bom lembrar que o dualismo antropológico não tem suas raízes na cultura bíblica, mas entrou no cristianismo por razões culturais e ideológicas.

Como veremos a seguir o pensamento platônico sobre alma e espírito foi quem muito influenciou a teologia cristã, tratando corpo e alma como entidades separadas, porque pertencem a mundos antagônicos². A relação corpo e alma são retratadas de forma negativa. Entretanto esta tensa relação entre corpo e alma, no pensamento platônico é que vai influenciar a teologia cristã.

² Que se mostra contrário (personalidades antagônicas); OPOSTO.

1.2.1 Origem histórica do modelo dualista

Como já foi visto anteriormente, a origem desse modelo nada tem que ver com a revelação bíblica, mas sim, com uma religião pagã do século VII a.C., a assim chamada religião Órfica da Trácia, na Grécia antiga. A partir dessa origem, a concepção dualista do ser humano passou por toda uma história de evolução e adaptação, até finalmente se fixar no cristianismo como veremos neste gráfico³:



Entretanto, essa concepção do ser humano se tornou modelo influente para a igreja cristã desde os primeiros séculos, apesar da oposição de alguns mestres cristãos, ela se difundiu grandemente, sustentado pela filosofia do neoplatonismo e pela ideologia religiosa da gnose e seu dualismo cósmico. Pois já era dominante na cultura do império greco-romano. Sendo assim, muitos cristãos acreditavam estar diante de uma revelação divina. Esse pensamento penetrou no meio cristão e permanece até os dias de hoje.

1.2.2 Platonismo

Platão (nascido em Atenas, 348/347 a.C.) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Durante muito tempo os filósofos ocidentais explicaram o ser humano como composto de duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente). É chamada de dualismo psicofísico essa dupla realidade da consciência separada do corpo.

Segundo Platão, antes de se encarnar, a alma teria vivido no mundo das ideias, onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos. Quando a alma se une ao corpo, ela se degrada por se tornar prisioneira dele. Sendo assim passa então a se compor de duas partes. Ele também acreditava na superioridade da alma em detrimento do corpo. Também cria na preexistência da alma e reencarnação da mesma. Entretanto, como nos afirma Pannenberg (2009 p.267); “os primeiros mestres da igreja, com exceção de correntes gnósticas, também chamados de patrísticos não compartilhavam com as ideias de Platão como Irineu⁴ que se expressou contra Platão nesse ponto negando a

⁴ Foi um bispo grego, teólogo e escritor cristão que nasceu, segundo se crê, na província romana da Ásia Menor Proconsular - a parte mais ocidental da atual Turquia - provavelmente Esmirna. O livro mais famoso de Irineu, Sobre a detecção e refutação da chamada Gnosis, também conhecido como Contra Heresias (Adversus Haereses, ca. 180 d.C.) é um ataque minucioso ao gnosticismo.

preexistência da alma”. Por outro lado Orígenes⁵ assumiu a concepção da preexistência, e compreendeu a vinculação das almas a corpos no sentido platônico. Sobre isto Pannenberg (2009, p. 268) afirma:

A visão bíblica da unidade de corpo e alma do ser humano não foi alcançada plenamente pelas afirmações patrísticas sobre a antropologia, apesar de todas as correções na imagem do ser humano helenístico e especialmente no platônico por causa das limitações dadas com o modelo de duas substâncias.

1.2.3 O Gnosticismo

O termo gnosticismo vem da palavra grega “gnosis” que quer dizer conhecimento, segundo os gnósticos sua doutrina era um conhecimento especial. A salvação era a preocupação principal dos gnósticos. Baseados em muitas doutrinas que circulavam nessa época inclusive o platonismo, eles acreditavam que tudo que fosse matéria era mau. Portanto o ser humano segundo eles é um espírito eterno que de algum modo ficou encarcerado neste corpo.

A esse respeito são esclarecedoras as palavras de historiador Justo González (1978, p. 64):

Já que o corpo é cárcere do espírito, já que oculta a nossa verdadeira natureza, o corpo é mau. O propósito último do gnosticismo é então escapar desse corpo e deste mundo material ao qual estamos exilados.

Sendo assim, no gnosticismo cristão (havia gnosticismo fora do cristianismo) como o corpo era mau, conseqüentemente essa falsa doutrina negava a corporeidade de Cristo afirmando alguns que se tratava de pura aparência, uma espécie de fantasma. E se o corpo é mau e o espírito (Alma) bom convinha maltratar o corpo a fim de se libertar deste. Segundo González (1978, p.64), “os gnósticos viam o mundo como um acidente e não como a perfeita criação de Deus, portanto todo o mundo físico era considerado por eles mal”.

⁵ Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria, no período pré-niceno.

Em suma, esse movimento religioso de caráter sincrético e esotérico, chamado gnosticismo, buscava o conhecimento das verdades divinas e a negação da matéria. Os gnósticos acreditavam que a matéria era má, ou seja, o corpo é mau, sendo assim o corpo deve ser sempre castigado e desprezado.

Ao contrario do pensamento gnóstico, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento garantem o devido valor que o corpo tem. Ele não é algo ruim ou secundário, mas é parte essencial do nosso ser. Quando Deus criou o ser humano, e é claro que o criou na sua totalidade, o que o apóstolo Paulo chama de “*soma*” (palavra grega para corpo, que indica a totalidade do ser humano) Deus achou a humanidade física muito boa. A salvação em Cristo chama-nos a sermos integralmente humanos, pois ela é uma afirmação da nossa humanidade, incluindo nosso corpo físico.

Assim, entende-se que a Bíblia toda aponta para a integralidade da pessoa. Essa pesquisa, ainda que incompleta, seria inacabada se deixássemos de considerar como Jesus via o ser humano e se relacionava com ele, assunto que se tratará no próximo capítulo.

2. O SER HUMANO NA PERSPECTIVA DE JESUS

Quantas vezes pessoas já pararam para pensar e se imaginaram em algum cenário bíblico do Novo Testamento, em meio às multidões que acompanhavam Jesus. Surgem então algumas perguntas que se acredita serem de grande relevância para o tema proposto, como: por que um rabino tão importante como Jesus andava com pessoas que eram consideradas a escória da época? O que o movia? Como Ele via o ser humano? Sabe-se que o dualismo filosófico Grego era predominante naquele contexto, mas esse pensamento teria influenciado a forma de como Jesus via o ser humano?

Para responder estas perguntas, faz-se necessário observar nos evangelhos a maneira Dele se relacionar com as pessoas, em especial com os pobres, doentes, religiosos e a todos os marginalizados daquela sociedade, levando sempre em conta a integralidade do ser humano.

Ao ler os evangelhos, é possível observar a presença física de Jesus no contexto em que vivia. Sua ação é movida pela compaixão. Não há uma relação abstrata com o seu povo em geral, mas sim uma atitude de amor para com todas as pessoas e, principalmente, com os pobres e doentes, enfim, todos os excluídos presentes naquele contexto, pois todas essas pessoas eram consideradas como pecadoras. Quando alguém nascia com uma deficiência física ou era pobre logo se perguntava quem havia pecado: ele ou seus pais (Jo 9:2). Era assim que se entendia a vida naquela época, de forma preconceituosa e exclusivista. Porém, Jesus quebra esse paradigma, por meio de seus atos concretos entre o povo, conforme Mateus 11:5: “Cegos recuperam a vista, paralíticos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres se anuncia a Boa-Nova.” Jesus tratava cada pessoa particularmente (de forma personalizada, como se diria hoje). Ele tratava o ser humano de tal modo que ninguém jamais era excluído. As pessoas eram amadas não por causa de seus antepassados, raça, nacionalidade, classe social, ligações familiares, inteligência, realizações ou por qualquer outra qualidade (NOLAN, 1987). Portanto, era desta forma que Jesus via o ser humano, com compaixão.

2.1. Jesus e os Pobres

É fato para todos que a historia é contada a partir dos fortes, vencedores e poderosos. Um exemplo pode ser visto nos reis e imperadores, como chegaram aos seus tronos e como tiveram bem ou mal sucedidos seus governos. Porém, é mais raro registrar a historia do sofrimento daqueles que foram oprimidos quando esse ou aquele rei começou o seu reinado. Talvez seja possível compreender Napoleão sem conhecer a historia do sofrimento no seu tempo, mas é certamente impossível compreender como Jesus via o ser humano sem que se tenha esse pano de fundo. Sendo assim, tentar-se-á entrar no mundo dos pobres e excluídos, e de como era esse mundo na Palestina do tempo de Jesus.

Nesse sentido é importante observar as palavras de Albert Nolan (1987, p. 41):

Embora o termo “pobre” nos evangelhos não se refira exclusivamente àqueles que eram economicamente despossuídos, certamente os inclui. Os pobres eram em primeiro lugar, os mendigos. Esses eram os doentes e aleijados, que tinham recorrido a mendicância porque não tinham possibilidade de serem empregados e não tinham parentes que pudessem ou quisessem sustentá-los. Evidentemente não havia hospitais, nem instituições de assistência social, nem pensões por invalidez. Esperava-se que mendigassem seu sustento. E assim os cegos, surdos – mudos, os coxos os aleijados e os leprosos geralmente eram mendigos. Depois havia os órfãos e viúvas que não tinham quem sustenta-los, também não tinha naquela sociedade nenhum modo de ganhar a vida. Deveriam depender das esmolas dos piedosos e do tesouro do templo. Entre os economicamente pobres devemos também incluir os operários diaristas não qualificados, que se encontravam frequentemente desempregados, também os camponeses e, talvez, os escravos.

Além dos sofrimentos inerentes ao fato de ser pobre (privações, péssimas condições de vida, etc.), o ato de mendigar era vergonhoso. Essas pessoas dependiam totalmente da caridade dos outros. Naquele contexto era terrivelmente humilhante, pois no oriente médio o prestígio e a honra era mais importante que a comida. O pobre, nesse sentido, é totalmente dependente de outra pessoa, ou seja, se encontra no mais baixo nível social, hoje seria “um ser humano sem dignidade”.

Os evangelhos nos mostram Jesus se misturando socialmente com essas pessoas, com os “ninguéns” deste mundo, andando e vivendo no mundo deles, e mesmo sendo Deus encarnado, se identificou com eles. Ao se aproximar dos

fracos e optar por eles, sua atitude não se limitou ao consolo. Dispôs-se como instrumento para trazer-lhes a Boa Nova da justiça do Reino de Deus. Justiça que confronta as atitudes desumanizadoras que conspiram contra a dignidade da vida.

Sobre isto, José Maganã (1990, p. 210) nos diz:

Sendo sua situação de pobreza opressão fruto das relações injustas, representa um repto, um desafio a justiça do reino messiânico; provoca a intervenção do Rei, cuja primeira missão é satisfazer o anseio de justiça (histórica e escatológica) dos pobres que tem como termo a “quo”, como ponto de apoio a fome, a sede e as carências destes; esta intervenção vem fazer justiça contra os opressores defender os pobres com seus direitos sustenta-los e cuidar deles para que não morram de fome. Diante das situações concretas dos seres humanos Deus não permaneceu neutro, impassível; Deus, por meio de Jesus toma o partido daqueles que são incapazes de se defender, compromete-se com eles opta por eles.

Onde pessoas tinham problemas concretos, num mundo cheio de legalismo e filosofias, Jesus se destacou pela sua compaixão sem limites demonstrada no amor prático pelos pobres e oprimidos.

2.2. Jesus e os Doentes

Como eram vistos os doentes daquela sociedade? Como Jesus os via? Como refletido anteriormente, os pobres e doentes na visão dos judeus eram discriminados pela sua condição social, e espiritualmente eram considerados como “pecadores”. Sendo assim, acreditava-se que suas mazelas eram consequências do julgamento divino visitado por Deus até a quarta geração. Entretanto, Jesus muda essa maneira de olhar o ser humano doente. Isso pode ser visto na cura de um jovem cego de nascença:

Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele obras de Deus. (Jo:9:1,3).

Jesus resolvia três problemas ao mesmo tempo. Primeiro, a doença propriamente dita; segundo, a questão social; terceiro, a religiosa, pois quando Jesus curava, quase sempre dizia: “teus pecados estão perdoados” ou “sua fé te salvou”. Conseqüentemente, se uma pessoa esta perdoada de seus pecados,

torna se livre de qualquer condicionalidade. Desta forma o doente podia ser novamente reinserido na sociedade encontrando forças para vencer as discriminações.

As atividades de cura de Jesus não eram tanto milagres de transformação física, mas declarações libertadoras de que os doentes eram membros perfeitamente aceitáveis da sociedade, e não párias punidos por Deus por algum pecado. (CROSSAN, 1995, p.204).

É nítido que os doentes ocupam um espaço privilegiado nos evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. No texto de Lucas 10:1-12 nota-se a visão de Jesus com relação às pessoas, quando envia os setenta discípulos com as seguintes instruções:

Quando entrarem numa casa, digam primeiro: Paz a esta casa. Se houver ali um homem de paz, a paz de vocês repousará sobre ele; se não, ela voltará para vocês. Fiquem naquela casa, e comam e bebam o que lhes derem, pois o trabalhador merece o seu salário. Não fiquem mudando de casa em casa. Quando entrarem numa cidade e forem bem recebidos, comam o que for posto diante de vocês. **Curem os doentes** que ali houver e digam-lhes: O Reino de Deus está próximo de vocês.

É importante observar a integralidade da missão ordenada por Jesus. Ao mesmo tempo os discípulos deveriam levar a paz, anunciar que o Reino de Deus estava próximo e ainda curar os doentes que houvesse na casa. A missão em nenhum momento implica em apenas salvar a “alma” da pessoa. Ao analisar o tipo de cura a que Jesus se referia nesse texto, também não se encontra nenhum misticismo, pois a palavra grega usada é o verbo *θεραπευετε* (*therapeuo*) (REINECKER, 1995, p. 31), que no texto é atribuído à ação de tratar medicinalmente, curar, aliviar da doença. Não se trata aqui de invalidar os milagres, pois isso seria impossível diante das evidências que os evangelhos nos expõem. A intenção é destacar que Jesus sempre se preocupou com o ser humano na sua integralidade, o que incluía na sua ótica um serviço de assistência terapêutica aos enfermos.

Jesus instrui seus discípulos a que curassem os enfermos e para isso deu-lhes poder para fazê-lo. Esses discípulos se ocuparam da mesma tarefa que o próprio Jesus estava sempre ocupado.

Na percepção de Jesus, os pecadores - o causador de males e os doentes são vítimas do sistema, e como tal, carentes de compaixão que se exprime em amoroso serviço.

Existiam médicos naquele tempo. Além de serem poucos, seus conhecimentos em medicina eram limitados e os pobres raramente tinham acesso a eles. Também havia os exorcistas profissionais, que usavam encantamento, atos simbólicos e substâncias variadas no tratamento dos enfermos.

Jesus era diferente de todos eles. Não fez uso de métodos ritualísticos, de encantamentos ou qualquer outra fórmula. Jesus sempre se preocupou em manter um contato físico com as pessoas doentes (Mc 1:31; 41:6-56-8; 22-25). Ele as tocava, tomava-as pela mão ou colocava suas mãos sobre elas. Outra grande diferença entre Jesus e os curandeiros da época é que esses atribuíam a cura aos seus conhecimentos, a sua santidade e grau de relacionamento com Deus. Ao contrario deles, Jesus atribuía as curas à fé da pessoa doente.

Em certo sentido Jesus empregou realmente preces espontâneas, mas a sua maneira de compreender o que estava acontecendo em tais casos diferia completamente dos homens santos que rezavam para obter chuvas ou curas. Eles confiavam em sua própria santidade, na estima que supunham merecer da parte de Deus; Jesus confiava no poder da fé. Não era a oração como tal que realizava a cura, mas a fé (Mt 21,22) (NOLAN, 1987, p. 52).

Com isso, Jesus estava dizendo que na verdade não foi ele quem curou o doente, através de algum poder místico ou por algum relacionamento especial com Deus. O que ele realmente esperava era que as pessoas entendessem que tudo é possível aos que tem fé. “se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: transporta-te daqui para lá, e ele se transportará, e nada vos será impossível” (Mt 17:20).

A fé, para Jesus, é uma força que pode realizar o impossível. O único poder que pode curar e salvar o mundo, o único poder que pode fazer o impossível é o poder da fé: “tua fé te salvou”.

Essa fé não podia ser ensinada, portanto, o povo a absorvera de Jesus no seu contado com eles, era como se fosse um contágio, e assim as pessoas

começaram procurá-lo para que Ele aumentasse sua fé e acontecessem milagres como um sinal do Reino de Deus (Lc 17:15).

Entretanto, segundo Rudolf Bultmann (2004, p. 175), as curas milagrosas não eram um sinal do governo de Deus, antes para Jesus o milagre simplesmente pressupõe a fé em Deus. Por essa razão ele nunca atribuiu especial valor ao milagre nem em sua capacidade de operá-los. O relevante para Jesus era a pessoa e a fé, e conseqüentemente a libertação integral que essa fé poderia proporcionar.

2.3 Em Relação aos Religiosos

Existiam vários grupos religiosos no tempo de Jesus. É importante considerar os três principais grupos da época e como Jesus se relacionou com eles, assim perceberemos que Jesus sempre priorizou a vida enquanto a religião em sua maioria enfatizava preceitos humanos, contrapondo-se ao evangelho, aprisionava o ser humano.

2.3.1. Os saduceus

Os saduceus constituíam um grupo muito próximo de Cristo. Até o simples fato de discutir com Ele já implica certa convivência. Eles constituíam uma força econômica e política, já que tinham o monopólio das terras e riquezas. Colaboravam com o Império Romano, mostrando-se muito tradicionalistas na questão religiosa, rejeitando qualquer evolução. Entretanto, hostilizavam certos ritos populares, como o batismo de água recomendado pelos fariseus.

Em relação aos saduceus Bornkamm (1990, p. 77) disse:

Eles tinham bem menos autoridade entre o povo do que os fariseus, que estavam espalhados pelo país e não tinham vínculo com o templo. Distinguiam-se destes também como corrente conservadora em termos de teologia, pois rejeitavam as tradições complementares e a nova doutrina da ressurreição dos mortos (Mc 12:18s, At 23:8). Desprovidos de motivos e de forças próprias, oferecem-nos a imagem de um 'eclesiasticismo' morto, que se contentava com a posição herdada e

com o exercício do culto, mas que quase sempre, logo estava disposta a laxismos e concessões para com qualquer regime e o mundo pagão.

Não se pode menosprezar a sua influencia no mundo judeu, pois também faziam parte da liderança religiosa. No episódio do bom samaritano, por exemplo, Jesus refere-se aos sacerdotes (muitos deles eram saduceus), ou quando convida a não acumular riquezas, e assim se compreende o ódio dos saduceus para com Ele e a vontade de o entregarem a morte.

2.3.2. Os escribas

Outro grupo importante na época eram os escribas, ensinavam e interpretavam o Antigo Testamento e eram chamados “Doutores da Lei.” Pertenciam ao tribunal dos judeus. Nos livros sagrados para os cristãos e judeus, o termo escriba refere-se aos chamados doutores e mestres (Mt 22:35; Lc 5:17), ou seja, homens especializados no estudo e na explicação da Lei ou Torá. Embora o termo apareça pela primeira vez no livro de Esdras, eles eram bem sucedidos no que faziam e sabe-se que tinham grande influência e eram muito considerados pelo povo, tendo existido escribas partidários de diferentes seitas, tais como os fariseus (a maioria), saduceus e essênios.

2.3.3. Os fariseus

Quanto aos fariseus, eles apareceram pela primeira vez nos pergaminhos da história judaica mais de um século antes do nascimento de Jesus.

Segundo a escritora americana Melinda Fish (1998, p. 24), “os fariseus eram um grupo de homens sinceros, cujo único desejo era, originalmente, o de fazer com que Israel voltasse ao Deus das escrituras”. A obediência à lei era o centro de sua doutrina, pois criam que, desta forma, ganhariam o favor de Deus evitando o seu julgamento. Por acreditarem que a santidade pessoal era uma forma de separá-los do resto do mundo, foram chamados de fariseus, termo originário do hebraico e que significa “separado”, e em função disso conhecido como os “separatistas”.

Melinda Fish (1998, p. 25) aprofunda a definição com as seguintes palavras:

Eram pessoas sinceras, preocupadas em agir corretamente. Mas pela época da vinda de Jesus, a seita dos fariseus havia deixado para trás suas origens humildes e se tornado uma força que unia poderes políticos e religiosos tornando-se, muitas vezes, maior do que sacerdotes e reis. Eles haviam elaborado um sistema religioso que definia para cada judeu o que significava ser verdadeiramente espiritual. As massas os temiam. Certas infrações da lei judaica, como a heresia, eram punidas com a morte o povo os temia por serem, frequentemente, homens sem misericórdia, que podiam influenciar os poderes governantes condenar e executar um cidadão comum. Infelizmente eles nunca perceberam que sua sinceridade se opunha ao Deus que tentavam honrar.

Jesus não os temia. Os evangelhos retratam Jesus criticando repetidamente os fariseus justamente por acreditarem ser melhores que as outras pessoas.

A esse respeito Gunther Bornkamm (1995, p. 74) afirma:

Nos evangelhos sinóticos, eles aparecem como os adversários propriamente ditos de Jesus, que se indignam contra sua pregação e comportamento. Esses fariseus desde o início pressionam para que Jesus seja eliminado, mas este os ataca, chamando-os de hipócritas, pois justificam a si mesmo.

Jesus, sem dúvida, rejeitou fortemente a pretensão dos fariseus de apenas eles serem os justos, assim como o ideal que possuíam de compor a comunidade do verdadeiro Israel.

O sistema legalista deles se contrapunha diretamente aos princípios do evangelho de Jesus. Este nunca fez distinção de pessoa, tão pouco atribuiu vantagens a alguém por seus méritos.

É possível perceber claramente as críticas de Jesus a esses grupos. Aos escribas ele os censura por imporem às pessoas certas leis religiosas rigorosamente pesadas enquanto eles próprios não as cumpriam, constroem túmulos aos profetas enquanto eles mesmos matam os enviados de Deus, mantém em segredo sua sabedoria enquanto fecham a porta para as pessoas não entrarem no Reino de Deus. Desejam honrarias e os melhores lugares nas sinagogas. Quanto aos fariseus, Jesus concentra sua crítica na hipocrisia do

cumprimento das prescrições de pureza, quando eles mesmos no seu interior estão completamente sujos.

É importante ressaltar que Jesus escolheu Saulo (um fariseu) que perseguia os cristãos. Também Nicodemos e José de Arimatéia são apresentados como fariseu. Isso demonstra que Jesus não odiava os fariseus, mas sim abominava a maneira com que eles se relacionavam com Deus e com o próximo.

Em suma, em Jesus percebemos a excelência de um mestre. Não como os mestres de seu tempo - interpretes da lei, doutores da tradição judaica e assim por diante, mas mestre da vida, pois fez da prática da vida seu próprio ensino. Sempre foi notável em sua maneira peculiar de se relacionar com os pobres, prostitutas, cobradores de impostos, enfermos e até mesmo religiosos. O que Ele realmente deseja para todos é uma vida abundante, ou seja, o bem das pessoas de uma forma integral.

3 O SER HUMANO NA PERSPECTIVA PENTECOSTAL, COM ESPECIAL ATENÇÃO A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS.

O interesse por esta pesquisa surgiu da observação de que o tema da integridade do ser humano, assim como da valorização da corporeidade, raramente é abordado no meio pentecostal. Sendo o pesquisador membro das Assembleias de Deus, a intenção é redescobrir a unidade da constituição humana na teologia e na prática cristã. Portanto, questiona-se o dualismo antropológico.

Tentar-se-á aqui analisar a natureza da concepção teológica pentecostal sobre o ser humano, especialmente a questão do dualismo antropológico, que divide as dimensões material e espiritual que forma a identidade humana.

O pentecostalismo é um movimento cristão oriundo do protestantismo evangélico que afirma a importância da experiência com o Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito e confirmada pelos dons de falar novas línguas. Sua maior ênfase está na busca da salvação da alma. (PASSOS, 2005).

Este movimento chegou ao Brasil no início do século XX, proveniente dos Estados Unidos. Teve sua origem através dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estes fundaram a denominada "Igreja Evangélica Assembleia de Deus", a maior representante do pentecostalismo brasileiro.

3.1. O Credo das Assembleias de Deus

Toda igreja possui seus sistemas de crenças. Isso não é diferente na Assembleia de Deus. Suas principais convicções teológicas são crer:

- Num só Deus eterno, subsistente em três pessoas: o Pai, eterno e imutável; o Filho, eternamente gerado do Pai; e o Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho (Dt 6:4; Mc 12:29; Mt 28:19; Jo 1:14,18; 14:16, 26; 15:26);
- Divina inspiração da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3:14-17);
- Concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corpórea dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7:14; Rm 8:34; At 1:9);

- Pecaminosidade do homem, que está destituído da glória de Deus, e que somente pelo arrependimento e pela fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo pode ser restaurado a Deus (Rm 3:23; At 3:19);

- Necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3:3-8);

- Perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna *justificação da alma*⁶, recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em favor do homem (At 10:43; Rm 10:13; 3:24-26; Hb 7:25; 5.9);

-Batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez, em água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28:19; Rm 6:1-6; Cl 2:12);

-Necessidade e na possibilidade que o crente tem de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus Cristo no Calvário, através do poder regenerador de Jesus Cristo no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que capacita o crente a viver como fiel testemunha do poder de Cristo (Hb 9:14; 1 Pe 1:15,16);

-Batismo com o Espírito Santo, como bênção distinta do novo nascimento, que é dado ao crente por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência física inicial do falar em outras línguas, conforme sua vontade (At 1.5: 2.4; 10:44-46; 19:1-7);

- Ordenança do Senhor Jesus Cristo da celebração da Ceia, consistindo de pão e fruto da videira como símbolo do seu corpo e sangue, lembrando e anunciando o seu sofrimento e a sua morte vitoriosa até que Ele venha (Mt 26:26-30; 1 Co 11:23-32);

- Atualidade dos dons espirituais, distribuídos pelo Espírito Santo à igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12:1-12);

- Segunda vinda pré-milenar de Cristo, em duas fases distintas: primeira invisível ao mundo, para arrebatá-la sua igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação e na segunda: visível e corporal, com sua igreja glorificada, para

⁶Grifo do autor.

reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4:16,17; 1 Co 15:51-54; Ap 20:4; Zc 14.5:Jd 14);

- Todos os crentes comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber a recompensa dos seus feitos em favor da obra de Cristo na terra (2 Co 5:10);

- Juízo vindouro, que justificará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20:11-15);

- Vida eterna, de gozo e felicidade, para os fiéis, e no castigo eterno, de tormento e tristeza, para os infiéis (Mt 25:46). 67

Importante percebermos que no credo das Assembleias de Deus não se menciona a ressurreição do corpo como no credo cristão, apesar de sua teologia afirmar que acredita na ressurreição do mesmo, porém, a ênfase que se dá é na eterna justificação da alma.

Além do credo, também fica evidente o dualismo corpo/alma nas afirmações doutrinárias e teológicas contidas nas obras da Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD.

3.2 O Ser Humano na Teologia Pentecostal

Segundo a teologia pentecostal o ser humano é formado de corpo, alma e espírito. Portanto, sua antropologia é tricotômica, ou seja, o ser humano possui três partes distintas que juntas constituem o seu ser, compreensão partilhada pelo teólogo Stanley Horton (1996, p. 248), fundamentada em 1 Tessalonicenses 5.23: “Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.

A Bíblia de Estudo Pentecostal afirma:

A humanidade criada a imagem e semelhança de Deus é trina e uma composta de três componentes, a saber: espírito, alma e corpo... somente depois da morte entrar no mundo, como resultado do pecado humano é que passou a haver a separação da pessoa em pó que volta a terra e espírito que volta a Deus, noutras palavras a separação em corpo para um lado e espírito e alma para outro é resultado do juízo divino...desses três componentes que constituem a completa natureza humana somente o espírito e a alma são indestrutíveis e sobrevivem a morte, para então seguirem para o céu (1995 p.979-980).

Esta compreensão reafirma o dualismo antropológico, separando corpo e alma na ocasião da morte. Diferenciando-se do pensamento hebreu a respeito da constituição do ser humano que na morte do corpo (hebraico *Basar*, grego *Soma*) morre também a alma (*nepes*) e o espírito (*rûah*), pois não podem ser separados por ser parte integral do mesmo sujeito. Para o hebreu, a pessoa não tem uma alma, ela é uma (*nepes*) vivente. O que se observa é uma similaridade com o platonismo, que afirma ser o corpo morada da alma, libertando-se deste por ocasião da morte, e assim passando a um plano espiritual superior.

Sobre isto, Eurico Bergsten (1999, p. 127) ainda declara:

Deus que é Espírito (cf. Jo 4.24), criou o homem com uma parte espiritual, isto é, com alma e espírito, essa parte espiritual é invisível e imaterial, conhecida como “o homem interior”, e habita no corpo, que é o ‘homem exterior’ (1999 pg.126).

Entretanto, segundo a teologia pentecostal o espírito é o componente imaterial do ser humano pelo qual se tem comunhão com Deus e, portanto a parte mais importante dele. A alma, igualmente imaterial é a sede das emoções, da razão e da vontade. Anela pelo contato com o mundo e o faz por intermédio do corpo. O corpo é a parte do ser humano que serve de abrigo para a dimensão espiritual, isto é, a alma e espírito e que volta ao pó quando a pessoa morre.

Para o pentecostalismo o corpo é a parte perecível do ser humano, pois este é animado pela alma e espírito. Os teólogos pentecostais Duffield e Cleave (1991, p. 172) afirmam que “o corpo natural, físico, do homem é apenas um tabernáculo temporário para a pessoa real que o habita”. Desta forma, o corpo está a serviço da alma e espírito que o habitam, a alma manda e o corpo obedece. Esta compreensão acima de que o corpo é um mero instrumento da alma recebe críticas, como por exemplo, de Rubio (1989, p. 280):

A pessoa humana é corpórea e, assim, o corpo humano não deve ser considerado um mero instrumento da alma, como queria o platonismo; também não é pura exterioridade, como afirmava o dualismo cartesiano. A corporeidade é uma dimensão da pessoa humana, do “eu” humano.

A compreensão do corpo como sendo instrumento da alma é um conceito platônico. Já a concepção do corpo como “mera exterioridade” é de procedência do dualismo helênico. Assim, se identifica as bases que fundamentam a antropologia pentecostal que coloca o corpo a serviço da alma.

3.3 O Corpo Paradoxal

Se na teologia pentecostal o corpo tem papel secundário em relação à alma, na prática litúrgica se observa o seu paradoxo. Pois ao mesmo tempo em que o corpo deve ser reprimido ele também é considerado como templo do Espírito.

Entende-se que Deus é Espírito e o ser humano deve adorá-lo com sua alma e espírito que são consideradas partes incorpóreas do ser, ou seja, somente a alma e o espírito do ser humano estão habilitados para a adoração. Com isso, o corpo fica excluído dessa atividade. Porém, essa ideia de que a alma tem uma superioridade sobre o corpo expressando um dualismo, no que se diz respeito ao culto pentecostal é uma contradição, pois o corpo ocupa um papel importante no ato de cultuar.

Sendo o pesquisador membro das Assembleias de Deus, fica fácil analisar alguns pontos importantes da liturgia pentecostal que caracterizam a expressão corporal como sendo parte essencial do culto pentecostal. Pois neste culto há mobilização e entusiasmo dos corpos. O culto pentecostal é uma festa. Há palmas, choros, danças, coreografias, levantar e baixar de mãos entre outras. Porém, na doutrina e teologia oficial o corpo está de certo modo desvalorizado, e limitado, enquanto que na prática litúrgica o corpo é afirmado.

Logo essas expressões não são consideradas como espontâneas, pelo contrário, no pentecostalismo elas são atribuídas a manifestações do Espírito Santo sobre os corpos. A esse respeito observemos as palavras de Gonçalves (2009, p. 53-54) ao escrever sobre a alegria de Davi, por ocasião do retorno da arca de Deus para Jerusalém:

O gesto de Davi, ao dançar, demonstra a atitude de um verdadeiro adorador. É o que vemos com a expressão “Davi ... ia bailando e saltando diante do Senhor” (2 Sm 6.16). A palavra hebraica *karar* traduzida na versão atualizada como “dançar significa também “girar”, e demonstra a atitude jubilosa do segundo rei de Israel.”. Não devemos esquecer que essa dança (ou giro) era movida pelo Espírito; não foi algo ensaiado nem tampouco fruto de uma explosão carnal.

Assim, percebe-se que apesar de todas essas expressões corporais espontâneas fazerem parte do culto pentecostal, elas são justificadas pelo Espírito. Portanto, o entendimento do corpo como mero instrumento novamente

aparece. A esse respeito Eurico Bergstén (1999, p. 127) diz: “o valor real do corpo está em sua alta finalidade de ser a morada da alma e do espírito”.

No movimento pentecostal observa-se o descaso com o corpo, pois na sua teologia e prática este deve ser castigado e maltratado, sugerindo assim algumas práticas que são comuns no pentecostalismo como o jejum para mortificar a carne que se opõe ao espírito, ficando evidente novamente a influência platônica que diz ser o corpo mal e o espírito bom. Wagner Gaby (2008, p. 60-61) alerta que “muitos crentes em Jesus preocupam-se somente com o bem-estar da alma, esquecendo-se de que também precisam zelar pelo corpo”.

Esse descaso para com o corpo indica uma má compreensão teológica a respeito da sua natureza. Portanto, quando olhado dessa forma o ser humano é identificado como alma/espírito que possui um corpo.

Sendo o corpo instrumento do espírito, este deve estar adornado de acordo com regras e leis criadas pela própria igreja, no que diz respeito a sua aparência. Observemos o texto polêmico publicado na página 3 da 1ª quinzena de julho de 1946, do periódico Mensageiro da Paz, impondo regras de vestimentas as irmãs, exatamente como se segue:

As assembleias de Deus, tanto neste país como em todo o mundo, estão hoje em grande perigo de serem invadidas pelo espírito de mundanismo, como tem acontecido às igrejas das denominações; e, quando isso acontecer, o Espírito Santo fica triste e sem liberdade de ação e, por fim, tem que retirar-se, tanto do crente em particular como de uma igreja, onde esse espírito terrível tem liberdade de entrar.

Deus sabia desde o princípio que a mulher é a parte mais fraca e mais facilmente tentada pela vaidade, por isso nas Sagradas Escrituras como as mulheres que professam o nome de Jesus devem vestir-se e pentear-se (1ª Pe 3.1-5).

O ministério desta igreja sente uma grande responsabilidade, especialmente entendendo que é a igreja-mãe de todas as igrejas do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro. Por isso, este ministério, como os irmãos membros da mesma, sentem que esta igreja deve ser um exemplo de modéstia e santidade para todas as igrejas consideradas filhas. Ainda mais, a igreja está situada na capital federal e, portanto, deve ser um exemplo para todas as igrejas do Brasil.

Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1946, resolveu o seguinte:

1. Não será permitida a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado ou tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiam simplesmente como convém às que professam a Cristo como salvador e rei.
2. Os vestidos devem ser suficientes compridos para cobrir o corpo

com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas.

3. Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam.

4. Esta resolução rege também as congregações desta igreja.

5. As irmãs que não obedecem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião.

6. Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus.

Entretanto, no ano seguinte Samuel Nyström publica no mesmo mensageiro da paz um artigo que naturalmente tem peso de resolução por ter sido aprovado em convenção geral por todos os convenionados na cidade de Recife. Devido à sua importância, transcreveremos na íntegra o artigo do irmão Nyström (1947, p. 2):

Em qualquer tempo, ou circunstância, devemos lembrar-nos que não se consegue fazer a obra do Senhor por força e nem por meios violentos, resoluções ou imposições. Mas a obra do Senhor se realiza pela intervenção divina criativa de Deus e pela lei do crescimento externo da obra do Senhor, mas igualmente quando se tratar do crescimento interno desta, tanto individual como coletivamente.

Cristo veio com a graça e, então a Dispensação da Lei se encerrou. Em lugar do mandamento prévio, que foi ab-rogado por sua fraqueza e inutilidade, pois 'a Lei nada fez perfeito'; foi introduzida uma melhor esperança, pela qual nos chegamos a Deus: Cristo que é nosso sacerdote, segundo o poder de Deus uma vida indissolúvel (Hb 7:16-19). Portanto, o que realmente tem valor para nós é 'a fé que opera por amor' por isso não nos justificamos pela Lei ou leis, para não sermos decaídos da graça e separados de Cristo (Gl 5:6).

Estatutos de ordenanças para os que morreram em Cristo não tem utilidade nenhuma, segundo as palavras de Paulo:

"Vocês morreram com Cristo e por isso estão livres dos espíritos maus que dominam o Universo. Então, por que é que vocês estão vivendo como se fossem deste mundo? Não obedçam mais a regras como estas: "Não toque nesta coisa", "não prove aquela", "não pegue naquela". Todas essas proibições têm a ver com coisas que se tornam inúteis depois de usadas. São apenas regras e ensinamentos que as pessoas inventam. De fato, essas regras parecem ser sábias, ao exigirem a adoração forçada dos anjos, a falsa humildade e um modo duro de tratar o corpo. Mas tudo isso não tem nenhum valor para controlar as paixões que levam à imoralidade" (Cl 2:19-23).

A ordenança para manifestar humildade e severidade para o corpo serve para satisfazer a carne, o erro, e elas com facilidade arranjam os que se julgam mais santos do que outros. Isto resulta em inchação vã, e cria o espírito de fariseus, que é o maior impedimento para as bênçãos de Deus.

A resolução de 1946 foi derrubada na convenção geral de 1947 e publicada no Mensageiro da Paz. Porém, na reunião realizada nos dias 20 a 24 de janeiro de 1975, na cidade de Santo André – SP, o assunto polêmico sobre os usos e costumes que já tinham sido revogados, volta a tona, contrariando assim os ensinamentos bíblicos a respeito da integralidade do ser humano e a importância real do seu corpo.

Segundo a convenção geral de 1975 (2004, p. 218-224), ficou resolvido que:

A convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida em Santo André SP, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos 'sábios princípios' estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus. A pedido do pastor Túlio Barros Ferreira e lida pelo pastor Geziel Gomes. Fica proibido:

1. Uso de cabelo crescido pelos membros do sexo masculino.
2. Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino.
3. Uso de pintura nos olhos, unhas e outros órgãos da face.
4. Corte de cabelo por parte das irmãs.
5. Sobrancelhas alteradas.
6. Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã.
7. Uso de aparelho de televisão.
8. Uso de bebidas alcoólicas.

Deve-se considerar que tentativas de um alinhamento com as escrituras já foram tomadas nos anais da história do movimento pentecostal. Também não podemos nos esquecer de que tais documentos foram redigidos a luz de interpretações de textos bíblicos isolados, somando grande prejuízo para o pensamento teológico pentecostal.

Portanto, é necessário que a teologia pentecostal em sua concepção de ser humano, assumam pra si a perspectiva antropológica bíblica, como é exposto, sobretudo, no Antigo Testamento e na perspectiva do Novo Testamento, exemplo de Jesus Cristo. Ambos apresentam o humano como ser unitário.

CONCLUSÃO

Como se observa até aqui, esta pesquisa pressupõe que o dualismo antropológico se constitui numa das características da teologia pentecostal, em especial as Assembleias de Deus. Isso explica a insuficiência em práticas que visam à transformação da realidade social e material, bem como o distanciamento dos pentecostais da vida social.

Por essa razão, buscou-se propor caminhos que se acredita serem úteis para a superação de uma teologia antropológica dualista, que nada tem a ver com os ensinamentos bíblicos, mas está comprometida com o platonismo helênico.

É necessário retomar uma teologia cristã sobre o corpo, que se fundamente na antropologia bíblica. Entende-se que a interpretação errônea de alguns textos e até mesmo palavras, abrem caminho para muitas leituras dualistas da Bíblia, certamente procedentes de traduções inadequadas. Portanto, é preciso realizar uma análise de palavras-chave da antropologia veterotestamentária, pois, percebe-se que não se apresenta uma concepção dualista de ser humano, mas, o ser humano como um ser integral.

No Novo Testamento, assim como no Antigo, não há nenhum traço de dualismo, apesar da influência grega ter sido forte na época. Um dos fatores é que quase todos os escritores eram judeus de modo que, a visão de ser humano está estreitamente relacionada à concepção veterotestamentária.

No período de 16 a 25 de julho de 1974, foi realizado na cidade de Lausane, Suíça, o congresso internacional para a evangelização mundial sob o tema: “Que a terra ouça a voz de Deus” (GABY, 2011, p.19). O objetivo do congresso era discutir os rumos das missões cristãs mundiais. No final dos trabalhos, foi divulgado um documento denominado ‘O pacto de Lausane’. Composta de 15 artigos, a declaração resgata a noção de que a Igreja de Cristo tem uma responsabilidade terrena e celestial a cumprir. Portanto, é missão de todos observarem e atender a todas as necessidades do ser humano conforme o evangelho de Cristo.

Uma das principais características de uma espiritualidade integral é sem dúvida a pregação cristocêntrica. Pedro, no dia de pentecostes, proclamou com ousadia o Cristo crucificado (At 2.36). Já o apóstolo Paulo declara com

consistência ser este o assunto principal de suas pregações: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2). A pregação deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus. Sendo assim, quando olhar para o ser humano, faça-se a seguinte pergunta: Como Jesus vê o ser humano? Assim se terá parâmetros para articular fé e prática. Pois se observar a prática de Jesus verá que ela começa essencialmente com o serviço, que consiste em ajudar, suprir necessidades, e socorrer desamparados.

Sendo assim, é imprescindível proclamar a mensagem da salvação e as ações que a esta se seguem, tendo sempre a visão total do ser humano em contraste com o dualismo antropológico. Ou seja, “o evangelho todo para o ser humano todo e para todo ser humano”.

Em suma, a pregação de Jesus sempre levou em conta a integralidade humana e era legitimada pela sua práxis, não tendo nenhuma relação com o dualismo. Enfim, é evidente que o movimento pentecostal tem buscado a correção de sua “espiritualidade” quase sempre divorciada da prática, pela sua interpretação do que vem a ser a pessoa, tendo sua ênfase na salvação da “alma” em detrimento do corpo”. Porém, há possibilidade de superação quando se observar uma teologia bíblica do corpo que valorize o ser humano em sua totalidade. Quando a missão for além da proclamação verbal do evangelho, percebendo as necessidades das pessoas, assim como a pregação deve primar pelo Cristo ressurreto.

Desse modo, é possível ocorrer superação concreta do dualismo antropológico na teologia pentecostal, assim como em sua maneira de viver a fé cristã.

REFERÊNCIAS

- BERGSTEN, Eurico. *Introdução a Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo Pentecostal Almeida, Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da Pessoa*. São Paulo: Paulus, 2000.
- BOMKAMM, Gunther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Teológica, 1995.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.
- DATTLER, Frederico. *Gênesis: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1984.
- DUALISTA. Dicionário Aulete digital. Disponível em: www.auletedigital.com.br, Acesso em 14/11/2013.
- DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia pentecostal*. São Paulo: Publicadora Quadrangular, 1991.
- Fish, Melinda. *Fardo*. São Paulo: Luz e Vida, 1998.
- FRIES, Heinrich (org.). *Dicionário de teologia: conceitos fundamentais da teologia atual*. São Paulo: Loyola, 1983.
- GABY, Wagner. *A missão integral da igreja. Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- GONÇALVES, José. *As derrotas e vitórias de um homem de Deus. Lições bíblicas: Davi*, Rio de Janeiro, (4. trimestre), 2009. p. 53-54.
- GONZÁLES, Justo. *Historia do cristianismo, A Era dos mártires*: São Paulo: vida nova 2011.
- HISTÓRIA da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática. Uma perspectiva pentecostal*. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1985.
- MAGALHÃES, José. *Jesus libertador*. São Paulo: Loyola, 1990.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1987.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática. v.2.* São Paulo: Paulus, 2009.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo.* São Paulo: Paulinas, 2005.

RIENECKER, Fritz. *Chave linguística do novo testamento grego.* São Paulo: VIDA NOVA, 1995.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã.* São Paulo: Paulinas, 1989.

VEDRAME, Calisto, *A Cura dos doentes na Bíblia.* São Paulo, Loyola, 2001.

WAGNER, Tadeu. *As doenças do nosso século, as curas que a Bíblia oferece. Lições Bíblicas.* Rio de Janeiro, 3º trimestre de 2008.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo testamento.* São Paulo: Hagnus, 2007.

.